



Diretoria de Programas e Atividades Especiais de Ensino de Graduação
Programa de Tutoria Especial - PROTES

Projeto: Mediação da aprendizagem como prática de emancipação
Professora Aliny Lamoglia – DFE/UNIRIO

Introdução

Começamos com algumas perguntas essenciais que vão direcionar a presente proposta de extensão:

- A mente humana se forma socialmente ou através de dispositivos endógenos?
- A criança aprende melhor quando a deixamos livre ou quando direcionamos o seu olhar e a sua busca?

Talvez estes questionamentos sejam os pilares da estruturação do humano que nos levam a lidar com o processo de aprendizagem de forma particular. Se acreditamos que a mente humana é fruto da interação, se estamos certos de que a unidade mínima da aprendizagem é a atenção que compartilho com o outro, então a intervenção deliberada na aprendizagem da criança é a melhor forma possível de ensiná-la e nossas práticas devem, em consonância com este princípio, ser ativas no sentido da mudança do “ainda não sei” para o “agora já sei”. Se, ao contrário, acreditamos que a aprendizagem se dá de dentro para fora, isto é, se baseia em estruturas inatas e maturacionais de inteligência com a qual nascemos, então o Outro pode interferir pouco no processo de aprendizagem e, neste caso, expressões como “cada um tem seu tempo” ou “respeito à singularidade da criança” ganham força e a espera pelo momento da aprendizagem se estabelece como uma possibilidade.

Justificativa

Pesquisas sobre o desenvolvimento inicial do pensamento em crianças nos mostram que intervenções na aprendizagem podem ser mais eficazes quando são **consonantes** com o que as pesquisas em neurodesenvolvimento cognitivo revelaram sobre o pensamento e a aprendizagem das crianças.

Psicólogos têm investigado o desenvolvimento de habilidades cognitivas básicas que dão suporte à literatura científica há mais de 50 anos, tornando possível projetar intervenções educativas teoricamente fundamentadas que podem promover o desenvolvimento das crianças.

Há aqui três pontos cruciais:

- O conhecimento a ser adquirido (O que se quer ensinar)
- Um conjunto de atividades de instrução/ mediação que são consistentes com o que se sabe sobre o pensamento e a aprendizagem
- Um processo de avaliação contextualizada da aprendizagem

A neurociência nos mostra hoje que é possível realizar avaliações do desenvolvimento desde a Educação Infantil (EI) e forjar possíveis intervenções para melhorar o processo. Há estudos experimentais com crianças pequenas que dormem durante a aula e corroboram a hipótese de que o sono consolida aprendizagens (Nicolelis (2011); Damásio (2004) entre outros).

Crianças muito pequenas demonstram competências que suportam aspectos do pensamento científico e, mesmo assim, muitas delas abandonam a escola não tendo conseguido aprender muito sobre ciência.

Intervenções nos primeiros 18 meses talvez não produzam "bebês Einsteins", mas há evidências de que crianças menores de cinco anos podem aprender o controle de processos mentais essenciais para a aprendizagem e compreensão da ciência e da matemática. São eles: a **autorregulação**, a **flexibilidade cognitiva** e o **controle inibitório**.

Foi realizada uma pesquisa que envolveu vinte escolas de EI nos EUA. Verificou-se que menos de 5% das atividades de instrução foram explicitamente concebidas para promover a aprendizagem das ciências. O estudo concluiu que programas de EI devem ter por objetivo fomentar a curiosidade científica natural das crianças. “Ciência real começa com a curiosidade da infância”. O objetivo dessas intervenções é ajudar as crianças a desenvolver as primeiras formas dos conceitos complexos envolvidos no raciocínio científico.

No centro desta discussão está a questão: instrução direta *versus* aprendizagem pela descoberta. Depois de décadas de pesquisa sobre os parâmetros e as estruturas do sistema cognitivo, muitos pesquisadores da neurociência cognitiva argumentam que uma forma guiada de **instrução explícita** é a mais efetiva nos rumos do desenvolvimento humano. E se isto é verdade para o desenvolvimento típico, o mesmo deve acontecer com crianças especiais.

Crianças que aprendem a partir da descoberta levam muito mais tempo para alcançar o domínio do conteúdo, e elas não se saem melhor na transferência dos conhecimentos a novos contextos do que as crianças que receberam instrução mais explícita.

Com Vygotsky (1993) vimos que “a verdadeira aprendizagem é aquela que antecipa o desenvolvimento”.

- A escola é o espaço, por excelência, onde essa antecipação do desenvolvimento se dá pela sistematização do conhecimento

- A formação da mente humana é social, dialógica e mediada pela língua

E para concluir, algumas reflexões de um autor muito conhecido, mas pouco lido em profundidade, que já em 1969 apontava para a importância dos profissionais que trabalham com crianças considerarem as descobertas sobre o funcionamento do cérebro para a aprendizagem, Jean Piaget.

- 1) a pedagogia precisa recorrer aos estudos da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem

- 2) A pedagogia precisa lançar mão de uma metodologia que a permita organizar experimentos contínuos e metódicos sobre a sua prática e
- 3) Diante de diferentes caminhos para a resolução de um problema, é necessário experimentar ambos, pois “Só o estudo paciente, metódico, aplicado aos grupos comparáveis de assuntos em tempo igualmente comparável, neutralizando-se tanto quanto se possa os fatores adventícios (...), é capaz de permitir a solução do problema” (1969, p. 32).

Objetivos

- Oferecer acompanhamento para alunos com deficiências nos cursos de graduação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO
- Capacitar acadêmicos da UNIRIO no acompanhamento aos alunos com deficiências

Metodologia

- Será realizado um levantamento das demandas educacionais desta população
- Serão descritos critérios de inclusão e de exclusão dos participantes
- Cinco alunos (que já cursaram educação especial (obrigatoriamente) e psicopedagogia (preferencialmente)) serão selecionados para o acompanhamento individual
- Os candidatos selecionados acompanharão os alunos com deficiências sob supervisão

Metas

- Minimizar ou impedir formas de discriminação ou exclusão de alunos especiais no âmbito da Universidade

- Capacitar alunos com deficiência a se tornarem autônomos na aprendizagem

Referências

Damásio, A. Em busca de Espinosa. Prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Nicolelis, M. Muito além do nosso eu: a nova neurociência que une cérebros e máquinas — e como ela pode mudar nossas vidas. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PIAGET, J. Tratado de psicologia experimental: a inteligência. Rio de Janeiro: Forense, v. 7, 1969

Vygotsky, L. S. Pensamento e Linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 1987
